

# **SOCIEDADE INDIFERENTE: UMA LEITURA TEOLÓGICA SOBRE A DIGNIDADE HUMANA DIANTE DA PANDEMIA DO COVID-19**

*INDIFFERENT SOCIETY: A THEOLOGICAL READING ON A HUMAN DIGNITY BEFORE THE COVID-19 PANDEMIC*

*Hélio Rafael Frazão Pereira<sup>1</sup>*

**Resumo:** Diante da situação atual percebe-se uma grande crise social, humana, cultural, econômica e histórica. Deste modo, repensa-se a vivência da dignidade humana, a compreensão do outro, a alteridade e a sua reciprocidade, abrindo-se à questão religiosa. Assim, busca em primeiro momento analisar o contexto social de desconfiança, insegurança e medo diante do outro. Em segundo momento, buscou encontrar à luz da fé cristã católica e do âmbito teológico, uma vivência da dignidade humana, da qual pode-se entender que dignificar o outro é dignificar a Deus, a si mesmo, brotando um sentimento de solidariedade o qual é uma expressão da dignidade humana.

**Palavras-chave:** COVID-19. Dignidade. Sociedade. Insegurança. Desconfiança. Teologia.

**Abstract:** In view of the current situation, there is a great social, human, cultural, economic and historical crisis. In this way, the experience of human dignity, the understanding of the other, alterity and their reciprocity are rethought, opening up to the religious question. Thus, it seeks at first to analyze the social context of mistrust, insecurity and fear towards the other. Secondly, it sought to find, in the light of the Catholic Christian faith and the theological sphere, an experience of human dignity, from which it can be understood that dignifying the other is dignifying God, himself, giving rise to a feeling of solidarity which is an expression of human dignity.

**Keywords:** COVID-19. Dignity. Society. Insecurity. Mistrust. Theology.

## **Introdução**

Vivemos em um período de pandemia, causado pelo COVID-19, nunca esperado, inimaginável para muitos, o que ocasiona muitas mudanças sejam elas do ponto de vista social, econômico, histórico e cultural, momentos que dificilmente veremos. Percebe-se, que todos os dias são milhares de pessoas infectadas, contagiadas, falecidas e sepultadas em todo o mundo, muitas delas até sem atendimento hospitalar, ou se falecidas são sepultadas sem o mínimo de dignidade. Diante disso, pode-se traçar alguns pontos chaves da sociedade, buscando à luz da fé e da teologia uma esperança para todos.

---

<sup>1</sup> Graduado em filosofia pelo Instituto Sapientia de Filosofia-ISF, em Francisco Beltrão, PR e atualmente acadêmico do primeiro período do curso de bacharelado em Teologia pelo Studium Theologicum – Claretiano em Curitiba, PR. Email: heliopereira1223@hotmail.com

Deste modo, viver em uma sociedade marcada pela desigualdade social, pelo medo, pela insegurança e principalmente, pela desconfiança de quem está ou não está com COVID-19, leva à pergunta sobre a dignidade que atribuímos ao outro e a si mesmo. Sendo assim, uma esperança pode surgir diante da teologia, à luz da fé cristã mostrando que a dignidade é algo essencial e inerente ao ser humano. Trata-se, portanto, de uma tentativa de perceber a dignidade humana, levando à alteridade, à empatia e à solidariedade.

Para tanto, amparou-se em primeiro lugar de autores da filosofia e da sociologia. Byung-Chul Han, Thomas Hobbes e Zygmunt Bauman, os quais retomam conceitos a respeito do medo, da insegurança, da desconfiança e do egoísmo diante do outro. Em segundo momento, busca-se à luz da teologia e da religião abordar o pontificado de Francisco retratando o contexto da globalização da indiferença para compreender uma perda da dignidade humana, mas buscando resgatar uma ética cristã, a qual traz uma esperança à sociedade.

### **1. O medo, a insegurança e a desconfiança como egoísmo e autoconservação**

Referindo-se ao contexto vivencial, nos deparamos diante de diversas situações, mas principalmente que a sociedade está vivendo um momento diferente, ou seja, a sociedade está diferente, tudo mudou. A rotina não é mais como antes, a vida não é mais como antes, o trabalho não é mais como antes, as relações, principalmente, não são como antes de modo que “[...] as rotinas antigas e aparentemente eternas começaram a se desintegrar; [...] hábitos antigos e convenções começaram a mostrar sua idade e os rituais, sua debilidade; [...] a violência se tornou frequente [...]” (BAUMAN, 2007, p. 100). A sociedade, deste modo, luta contra um vírus denominado COVID-19, para muitos um vírus aterrorizador, para outros uma gripe diferente, ou uma coisa inventada pela televisão e meios sociais, entre outros diversos modos como ele é tratado, mas todos lutam contra ele.

O filósofo e teólogo sul coreano Byung-Chul Han (1959), na obra “Sociedade do Cansaço”, acredita que cada época possui suas enfermidades. Para ele houve uma época bacteriológica, que se findou com os antibióticos, e “Apesar do medo imenso que temos hoje de uma pandemia gripal, não vivemos numa época viral. Graças a técnica imunológica, já deixamos para trás essa época.” (HAN, 2017, p. 7). Han acredita que a perspectiva patológica da sociedade é neuronal. O seu pensamento, de algum modo,

entretanto não observou que poderia haver uma época da patologia neuronal e pandêmica com um vírus, em pleno século XXI. A intenção de Han era apresentar como a sociedade do século XX era uma sociedade em que buscava eliminar o outro, principalmente o diferente, o que não mudou muito no século XXI, contudo somente “aperfeiçoou-se” o método.

A obra de Han retrata que no século XX havia uma noção de imunologia, isto é, segundo a sua ideologia havia um inimigo a ser combatido, o qual possui uma existência contrária ao sujeito. Essa perspectiva era nutrida por uma sociedade do controle, a qual firmava dentro de sociedades com outras ideologias, ideias como se fossem vacinas, as quais o vírus não se desenvolvia, mas criava como que anticorpos para o não desenvolvimento de outra ideologia dentro daquela sociedade. Deste modo, a sociedade atual vive um período de desempenho e não mais um período disciplinar, como pressupunha o modelo Foucaultiano – a governabilidade se dava a partir de micropoderes, a fim de gerar coerções que moldavam e disciplinavam os sujeitos e seus corpos, adestrando-os<sup>2</sup>. Na percepção de Han, não se vive mais em prisões, em escolas, asilos, hospitais, ou em uma vigilância severa, as quais foram enfraquecidas ao longo do tempo. Contudo se vive em uma sociedade das academias, dos aeroportos, de laboratórios de genética, na qual se leva muito em conta a produtividade e o tempo.

Nessa perspectiva, Han entende o indivíduo como dono de si mesmo exercendo uma coerção interna, não mais externa como pensava Foucault. O indivíduo como empreendedor de si mesmo busca sempre maximizar seus resultados, tentando estar sempre na positividade, ignorando o que seria negativo a sua vida e a seu desempenho caindo em um esgotamento próprio por nem sempre alcançar a positividade.

Na ideia de Han a sociedade do século XX vivia num período da passividade do sujeito, o qual realizava uma única tarefa e poderia aprofundar-se e contemplar melhor aquela tarefa. Esta, por sua vez, causava tédio, mas era uma condição pela qual o ser humano poderia desenvolver sua criatividade, sua imaginação, sua compreensão. Posteriormente, com o avanço tecnológico, a sociedade vive um período fora de si, o qual predomina o isolamento em sua própria afirmação, um cansaço solitário, no qual se deve destruir o mundo do outro para se afirmar, quando se consegue afirmar o eu, não sobra mais nada a não ser o eu. O egoísmo, nesse sentido toma conta do ser humano, na destruição do outro para afirmar a sobrevivência do eu.

---

<sup>2</sup> Para aprofundar mais a teoria de Michel Foucault a respeito da sociedade disciplinar é recomendável as obras: “Vigiar e Punir”, “A história da sexualidade”, “A história da loucura”.

A partir dessa análise é possível traçar panoramas sociais de que as relações mudaram, nas quais se a pessoa tosse, espirra, ou representa qualquer sintoma gripal ela é isolada, é vista com maus olhos diante da sociedade, e até “sacrificada” se necessário for. Assim, pode-se conceber que, de certo modo, se vive em um estado de natureza Hobbesiano, isto é, em uma guerra de todos contra todos, de que para se salvar, será possível fazer tudo, inclusive o impossível.

O filósofo inglês Thomas Hobbes (1578-1679) entendia que o humano possuía uma “[...] vida [...] solitária, pobre, sórdida, embrutecida e curta.” (HOBBS, 1999, p. 109), como de fato é, e como percebemos diante das “histerias sociais”, quando os indivíduos querem se autoconservar sem levar em conta o outro. Deste modo, uma de suas discordâncias está no conceito de Estado de Natureza, pois, contraria a posição aristotélica sobre a política. Tal fato é perceptível quando Aristóteles busca afirmar que o homem é um *zoom politikon*, ou seja, um animal político, e por natureza, tem tendência a viver bem com outros seres<sup>3</sup>. Hobbes, no entanto, “[...] contesta vivamente a proposição aristotélica e a comparação. Para ele, cada homem é profundamente diferente dos outros homens e, portanto, deles separado (é um átomo de egoísmo).” (REALE, 2005, p. 82).

Por conseguinte, em sua obra *Leviatã*, no capítulo XIII, intitulado “*Da condição natural do gênero humano no que concerne a sua felicidade e a sua desgraça*”, entende-se que a natureza criou os homens iguais nas faculdades do corpo e do espírito, todavia, há maior igualdade nas faculdades mentais do que na força corpórea. Nesse contexto, o conhecimento não é uma faculdade inata no humano, por isso, a prudência é a experiência adquirida pelos homens em igualdade de tempo e intensidade. Deste modo, os homens são iguais, no entanto possuem “[...] a concepção vaidosa da própria sabedoria, a qual quase todos os homens supõem possuir em maior grau que o vulgo.” (HOBBS, 1999, p. 107). Nisso consiste a natureza dos humanos, cujos quais, não admitem ninguém mais sábio que eles.

Ao analisar um meio social em que muitos fazem o que podem para ter um respirador, para comprar máscaras, para comprar equipamentos de sobrevivência diante do COVID-19, Hobbes, no século XVII já alertava sobre as inimizades entre os seres humanos. Para ele, a partir dessa igualdade de ser capaz de algo é que se resulta na igualdade de atingir os fins que queiram, e disso surgem as inimizades, como ele afirma:

---

<sup>3</sup> Para aprofundar no pensamento de Aristóteles a respeito da ética e da política são recomendadas as obras: *Ética a Nicômaco*, *Política*.

[...] se dois homens desejam a mesma coisa, ao mesmo tempo que é impossível ela ser gozada por ambos, eles tornam-se inimigos. E no caminho para seu fim (que é principalmente sua própria conservação, e às vezes apenas seu deleite) esforçam-se por se destruir ou subjugar um ao outro.” (HOBBS, 1999, p. 108).

Portanto, os humanos possuem uma desconfiança entre si quando surgem estes sentimentos, como por exemplo, a inveja e o ódio que permeiam na busca de algo que queiram como fim, este algo sendo o mesmo para ambos. A desconfiança, nesse sentido, é o que origina a forma de proteção como antecipação, isto é, dominar todos os que forem possíveis para que nada os ameace, garantindo a sua sobrevivência.

De tal forma, o estado de natureza consiste num vácuo moral, ou seja, um estado de guerra de todos contra todos, no qual, não existem leis. Assim, vale dizer que, o único modo de equivalência a lei é preservar a própria vida, por isso um ato egoísta. Ademais, no estado de natureza, não existe justo ou injusto, pois não existem leis que regem tal estado, dado que, pode-se tudo para sua autoconservação, sendo a preservação de “[...] um bem primeiro e originário, que é a vida e sua conservação.” (REALE, 2005, p. 81).

Existem ainda outros motivos de contenda que são tais, por três razões, a saber: a competição, a desconfiança e a glória. Destes, surge a violência de modo que, a primeira razão é a competição, ou busca pelo lucro derivada da igualdade pelo estado de natureza – tal igualdade consiste na habilidade que cada pessoa possui para matar outras – o que culmina numa competitividade na falta de um recurso, assim os homens tornando-se inimigos usam a violência para se apossar do pessoal, do respirador, da máscara, do álcool em gel do outro. A segunda razão que se refere a segurança remete-se ao uso da violência para defender esses bens conquistados, citados na primeira razão. Da terceira razão, o uso da violência concerne no âmbito da reputação, sendo que a violência surge por motivos fúteis, como uma palavra, um sorriso, uma diferença de opinião, ou subestima vindo de outros, por exemplo.

Atualmente, relendo Hobbes, as relações são tornadas relações de desconfiança tendo “medo” do outro, do diferente, do estranho, ou seja, como afirma Han, o vírus que é o outro, que é o próximo, deve ser eliminado. A partir das relações de desconfiança pode-se trazer à baila o pensamento de Zygmunt Bauman (1925-2017), o qual aborda a liquidez das relações que são feitas para não durar, isto é, escorrem pelas mãos, são efêmeras e se desfazem muito fácil. Estas relações líquidas não criam relações sólidas, e por conseguinte, não conseguem criar verdadeira alteridade, nem um diálogo verdadeiro e saudável. Para Bauman, a era em que se vive é a era da modernidade líquida, isto é,

tudo é volátil, as relações humanas e a vida em conjunto perdem consistência e estabilidade.

Para o pensamento de Bauman, o sujeito ao tornar a sociedade líquida passa a estar sozinho na construção de vida própria de maneira que as ações são individualizadas, ou seja, as escolhas são individuais, por vezes não priorizando um coletivo. Neste contexto, “[...] em algum ponto do caminho, a amizade e a solidariedade, outrora importantes componentes da construção comunitária, tornaram-se inconsistentes demais, frágeis demais ou ralas demais [...]” (BAUMAN, 2000, p. 22), de maneira que dificultou a construção de relacionamentos e também a criação de vínculos nas relações.

Outrossim, para Bauman a sociedade vive em um âmbito de incertezas, das quais o ser humano busca fugir e por isso desenvolve várias identidades e vários modos de vida. Identificar-se com algo, portanto, é uma insegurança, pois não se sabe o que acontecerá, mostrando que é mais prudente portar diversas identidades, estando pronto para trocar a qualquer momento. Nesta ótica, as novas configurações sociais da vida cotidiana se transformam em sensações de angústia, firmando as incertezas como modo principal da vida moderna. Assim, o medo está naquele que é estranho ao sujeito ou ao eu, isto é, naquele que não se conhece, que não se sabe o que tem, e que não se sabe quem é. As relações se fundamentam em uma tensão pelo perigo que é encontrar o outro, pois não se sabe quem é, o que ele porta, se é transmissor do vírus ou não. Para Bauman:

A incerteza é o hábitat natural da vida humana – ainda que a esperança de escapar da incerteza seja o motor das atividades humanas. Escapar da incerteza é um ingrediente fundamental, mesmo que apenas tacitamente presumido, de todas e quaisquer imagens compósitas da felicidade. É por isso que a felicidade "genuína, adequada e total" sempre parece residir em algum lugar à frente: tal como o horizonte, que recua quando se tenta chegar mais perto dele. (BAUMAN, 2009, p. 37).

Sendo assim, encontrar uma felicidade diante de um lugar que cada um vive em seu individualismo, querendo viver por si tentando autoconservar-se parece ser algo impossível. Por isso, contemplar o fato de uma sociedade insegura é também contemplar que não há empatia, referindo-se a cada atitude, segundo as quais o eu precisa ser preservado, o eu precisa ser autoconservado, ou melhor dizendo, o corpo do eu, inclusive, para Han, na leitura de Nietzsche, o último homem eleva a saúde à categoria de uma deusa<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Cf. HAN, 2017, p. 28.

Quiçá, anteriormente havia algum princípio de unidade, como fala Cristo nos Evangelhos, “Que todos sejam um.” (Jo 17, 21), pelo fato de os humanos se considerarem “irmãos”, não só em um aspecto religioso, mas também enquanto sociedade. A partir de certo momento, em que há tantos progressos, tantos avanços, há uma falta de diálogo, o qual leva à incompreensão, e por não compreender o outro há falhas, com a sociedade, com o outro, e consigo mesmo. Age-se, deste modo, pela irracionalidade instintiva de autoconservar-se e para tanto, se torna um vale tudo. Tal fato é perceptível à medida em que se vê diversos noticiários relatando as pessoas usando qualquer remédio, ou qualquer indicação de receita, muitas vezes sem embasamento científico, ou basta ver um presidente indicando aplicação de desinfetante e luz solar para curar do COVID-19<sup>5</sup>, é preciso conservar-se a todo custo. O fato de viver uma crise social, humana, a partir do COVID-19 reverbera uma crise que não é de hoje, mas que já haviam diversos sinais de alerta há tempos.

## **2. Dignificar o outro é dignificar Deus e a si mesmo**

À medida que se passa para outro parâmetro, isto é, de discernimento evangélico pretende-se conceber que a análise não é puramente sociológica, mas elevar o olhar a partir das demais ciências ao espírito do discernimento do discípulo missionário, o qual se nutre da luz e da força do Espírito Santo<sup>6</sup>. Dessa maneira, depara-se com o a iluminação do pontificado de Francisco, que em 2013 ao iniciar seu pontificado escreveu a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, dando orientações a respeito dos desafios do mundo atual e novas perspectivas à Igreja e à sociedade. Estes fatos retratados por Francisco ainda permeiam a sociedade e diante da pandemia encontra-se em voga a indiferença, o egoísmo, entre outros fatores que foram mencionados ao longo do texto.

Neste sentido, pode-se perceber que a humanidade está passando por um período de mudança histórica, no qual predomina uma doença, o medo, a insegurança, o desespero, por vezes, um crescente número da violência e da desigualdade social, ou de outra forma, a desigualdade é posta em destaque a cada atitude nesse período. Diante disso, muitos precisam lutar para viver, ou melhor dizendo, para sobreviver nos hospitais,

---

<sup>5</sup> Ver mais em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/04/24/trump-sugere-luz-solar-e-injecao-de-desinfetante-para-tratar-coronavirus>. Ou <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-04-24/trump-sugere-tratar-o-coronavirus-com-uma-injecao-de-desinfetante-ou-com-luz-solar.html>

<sup>6</sup> EG, 50.

e por muitas perderam a sua dignidade não a encontrando nem no momento do tratamento e muito menos na hora do sepultamento se se falece. Deste modo, “[...] tudo entra no jogo da competitividade e da lei do mais forte, em que o poderoso engole o mais fraco. Em consequência dessa situação, grandes massas da população veem-se excluídas e marginalizadas: sem trabalho, sem perspectivas, num beco sem saída.” (EG, 53).

Devido à desigualdade social e à falta de infraestrutura, milhares de pessoas perecem todos os dias, seja por falta de saneamento básico, seja por fome, seja no leito dos hospitais, entre outros problemas sociais, os quais se acarretam ainda mais pelo fator pandêmico. Além do vírus do COVID-19, milhares de outros vírus circulam todos os dias, contudo, um dos que mais afeta é o “vírus da indiferença”, algo tão egoísta pelo qual se exclui o outro em prol de uma sobrevivência. Esse vírus parece tão contagioso ao ser humano, o qual não prioriza mais a conservação do nós, mas somente do eu, ou do corpo do eu. Assim, a indiferença juntamente com a desconfiança faz o ser humano perder o amor, a compaixão, e a ética do cuidado com o próximo e consigo mesmo. Por isso, a crise além de humana, psíquica é ética, relacional, pois pelos interesses próprios, ideológicos, se esconde uma rejeição da ética e uma recusa de Deus<sup>7</sup>.

Essa rejeição da ética reafirma o Estado de Natureza hobbesiano, o qual para se autoconservar vale tudo. Inclusive, Papa Francisco mostra que “[...] para se poder apoiar um estio de vida que exclui os outros ou mesmo entusiasmar-se com este ideal egoísta, desenvolveu-se uma globalização da indiferença.” (EG, 54). Esse fato leva os seres humanos a não se dar conta do outro, a ser incapaz de compadecer-se quando ouve os clamores dos demais. Não se chora mais pela dor do outro, não se tem empatia, nem há um interesse por cuidar do outro, culpa-se e joga-se a responsabilidade para o outro.

No entanto, Papa Francisco tenta resgatar uma ética esquecida, uma ética do nós, uma ética evangélica, segundo a qual pelos valores se pode chegar a Deus, pois “Em última instância, a ética leva a Deus que espera uma resposta comprometida que está fora das categorias do mercado.” (EG, 57). Dito de outra forma, o ser humano não deve ser visto como um agente passivo que somente gera ou não lucro para outros, mas é importante por sua vida, por ser dom de Deus. A economia deve estar em consonância para gerar vida ao sujeito de maneira que ocasione um mundo melhor e justo, mas jamais o lucro pode estar acima da vida, “Escolhe, pois, a vida.” (Dt 30,19).

---

<sup>7</sup> EG, 57.

O ser humano, se preso ao sistema e ao mercado, de números e sendo indiferente não se realiza plenamente e perde a sua dimensão de dignidade, pois, o fim de realizar-se está em Deus, como afirma Santo Agostinho, nas *Confissões*: “[...] nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousar em Vós.” (AGOSTINHO, 2015, p. 27). Deste modo, os seres humanos tem o coração inquieto sempre em busca de transcender-se. Não se pode ser cristãos e apoiar a cultura da morte, uma cultura na qual milhares estão morrendo e é algo banal, como ocorrem com expressões populares nesses tempos: “Só morre quem tem problema, quem tem doença grave!”. Outrossim, quando se noticiam as mortes, normalmente citam os defeitos, que a pessoa era hipertensa, diabética, possuía diversas doenças, mas ninguém se pergunta “Quem” era, somente entra para uma estatística de números e não se leva em conta a dignidade da pessoa.

No entanto, em primeiro momento, “Uma expressão de dignidade do homem é o fato de que Deus nos conheça por nosso nome, nos dê um nome. Não somos uma massa, não somos conjunto de seres, somos indivíduos”<sup>8</sup>. Sendo assim, cada um é singular e único aos olhos de Deus, e com isso, ninguém é um número como fizeram os nazistas, mas todos tem um nome, e são humanos, por isso, Deus conhece e tem reconhecimento por cada humano, como afirma o Salmo 8: “O que é o humano para dele vos lembrades e um filho de Adão, para vires visitá-lo? E o fizeste pouco menos que um deus, coroando-o de glória e beleza.” (Sl 8, 5-6)

O ser humano é criação de Deus, é criado a Sua imagem e semelhança (Gn 1,26), é desta maneira que Deus lembra do humano, pois como afirma Papa Francisco: “As mãos de Deus se comprometeram com nossa existência. Deus nos fez não só com Sua palavra; nos fez com Seu coração, com Seu amor, com Seu entusiasmo.”<sup>9</sup>. O humano, portanto, exerce um papel muito grande de dignidade que não pode ser perdida, a qual está numa atitude de respeito, pois deve-se respeitar o próximo como outro eu<sup>10</sup>, e como pede Cristo no mandamento: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito. [...] Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” (Mt 22, 37.39).

Deste modo, para estabelecer uma relação de dignidade e de cuidado, é preciso o amor, é preciso vivenciar e praticar, podendo salvar vidas e almas todos os dias, pois como afirma Abraham Skorka: “Deus criou o homem uno para que você saiba que todo aquele que salva um só homem salva uma humanidade inteira, e aquele que mata um só

---

<sup>8</sup> BERGOGLIO; FIGUEROA, SKORKA, 2013, p. 28.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 16.

<sup>10</sup> GS, 27.

homem é como se estivesse destruindo uma humanidade inteira”<sup>11</sup>. Exercer o amor e o cuidado com a vida é entender que a vida é sagrada, é uma ação sagrada de Deus, o que remete ao comprometimento direto com a própria existência e com a existência do outro e de toda a criação.

Neste contexto, interpela-se a dignificar a vida humana, ao passo que se perguntar pela dignidade do humano é perceber o respeito, pois é a partir dele que se pode perceber o outro como pessoa, como um outro eu, como fim em si mesmo. Assim, à luz da fé é importante ter um primeiro diálogo com Deus, sendo testemunha desse diálogo dando um testemunho e procurando trazer outros para o diálogo, ou seja, a atitude primeira de ser cristão é perguntar-se pela vontade de Deus, a qual não é o mal, ou seja, que a pandemia não é uma vontade de Deus. Muito pelo contrário, Deus quer o bem do ser humano, no entanto, “Basta ter uma verdadeira sensibilidade espiritual para saber ler nos acontecimentos a mensagem de Deus.” (EN, 43).

Ser cristão, portanto, é cuidar da vida, aceitar o irmão na sua integralidade, e amá-lo, pois, quando se dignifica o irmão, consciente ou inconscientemente dignifica-se a Deus. Quando olha-se o outro, o próximo com desconfiança, indiferença, egoísmo, tentando somente autoconservar-se, não prioriza-se a dignidade da pessoa humana, e muito menos exerce-se e pratica-se do amor, com isso, desconhece-se Deus, pois Deus é Amor, e “[...] aquele que permanecer no amor permanece em Deus e Deus permanece nele.” (1Jo 4,16). Neste contexto, o sujeito ao estimar o outro, pede uma estima de si, mostrando uma estima de humanidade, isto é, a ideia do humano na pessoa do si e na pessoa do outro. O que se espera tanto do si e do outro é que eles reconheçam a humanidade de cada um mutuamente, declarando esta humanidade e alteridade, conseqüentemente declaram a dignidade. Por isso, a alteridade unida ao sentimento de valorização do outro expõe a diferença da estima do si e o apego pela vida.

Recentemente na Benção *Urbi et Orbi*, realizada no dia 27 de março, por ocasião especial da pandemia, Papa Francisco escolheu a proclamação do Evangelho de Mc 4, 35-41 para fazer sua exortação. Este mencionava que Jesus, ao entardecer, pede para os discípulos para passar para outra margem, no entremeio acontece uma tempestade, e os discípulos começam a tentar salvar o barco. Jesus, no entanto, segue dormindo - segundo o pontífice é a única vez que Jesus dorme nos Evangelhos. Os discípulos pedem ao

---

<sup>11</sup> BERGOGLIO; FIGUEROA, SKORKA, 2013, p. 14.

Mestre, acordando-O: "Senhor, não te importa que pereçamos?", Jesus levanta contém a tempestade e afirma: "Como sois tão medrosos. Ainda não tendes fé o suficiente?".

O Papa, com esse texto, afirma em sua homilia a tempestade que assola o mundo, as últimas semanas de entardecer, de escuridão, de angústia e de aflição. Nesse sentido, afirma que Jesus parece estar dormindo, parece que não se importa com ninguém por nos deixar os seres humanos assim, e que por mais que se clama por Deus, Ele parece estar dormindo, não se importar com ninguém deixando muita gente morrer. Contudo, há uma ênfase no pensamento do Papa Francisco que, a partir do contexto vivido, ninguém se salva sozinho, e que perante o sofrimento, pelo qual se mede o desenvolvimento dos países, se descobre também a oração sacerdotal de Jesus: "Que todos sejam um só." (Jo 17,21).

O Santo Padre orienta que Cristo convida a despertar e ativar a solidariedade e a esperança, capazes de dar solidez, apoio e significado a estas horas em que tudo parece naufragar. O Senhor desperta, para acordar e reanimar a fé pascal de cada um. Papa Francisco, deste modo, convida a abraçar a cruz de Cristo, a qual é o verdadeiro sentido do sofrimento atual, não dando espaço para o egoísmo, para a indiferença. Para Francisco, há de se compreender que se deve ter fé sabendo que Deus não dorme, contudo caminha lado a lado com os humanos, protegendo-os, ou será que não se tem fé o suficiente para percebê-lo?

O sofrimento que se passa não é o apocalipse, nem o fim de tudo. De fato, a sociedade se encontra em uma época escura, uma época em que desperta em cada ser humano "[...] compaixão, inspira também respeito e, a seu modo, intimida." (SD, 4). Ademais, viver o sofrimento é viver a liturgia pascal na qual a participação na Cruz de Cristo se realiza através da experiência do Ressuscitado, ou seja, para a glória há parte de sofrimento, de desânimo, de escuridão, a qual precisa-se superar, e com isso ter esperança, pois como diz Ricoeur: "Em nenhum outro ponto estamos mais próximos ao *kerygma* cristão: esperança é esperança da ressurreição, ressurreição da morte." (RICOEUR, 2008, p. 169).

Portanto, viver como cristão é abraçar a Cruz de Cristo, sendo por muitas, o Cirineu de diversas pessoas, podendo e superar o seu sofrimento. Assim, "[...] a necessidade e o dever obrigam o cristão a lutar contra o mal através de muitas tribulações e a padecer a morte. Mas, associado ao mistério pascal, configurado à morte de Cristo e fortificado pela esperança chegará à ressurreição." (GS, 22).

Por isso, a atitude social de olhar para o outro com relações de desconfiança e indiferença estão muito longe de levar a Cristo. O importante, nesse sentido, é cuidar-se e cuidar da vida do outro, abraçar a cruz, para que se consiga preservar juntamente com o outro, dado que ninguém se salva sozinho, pois a solidariedade é o sentimento que expressa o respeito pela dignidade humana. Dessa maneira, prioriza-se ser samaritano com o outro, isto é, aquele que “Viu, sentiu compaixão e cuidou” (Lc 10, 33-34), de modo com que a preocupação com o outro e consigo mesmo seja maior que a preocupação com o si mesmo, a ética do nós deve ser recuperada.

Ao resgatar a dignidade da pessoa humana pode-se ter esperança para enfrentar a pandemia, sendo fraternos, voltando a uma unidade, olhando com empatia, alteridade, não pensando somente em si, mas em um aspecto de dignidade que envolva cada um e cada uma diante da sociedade indiferente, fazendo a vontade do Pai, como Jesus convida: “Eu desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. E esta é a vontade daquele que me enviou: que eu não perca nenhum daqueles que ele me deu, mas os ressuscite no último dia.” (Jo 6, 38-39).

### **Considerações Finais**

Diante de uma perspectiva que parece desesperadora, a pandemia que assola a humanidade revela uma outra faceta social, a faceta da indiferença. Esta faceta desvela a perda da dignidade humana, pois como percebe-se no pensamento de Hobbes, quando dois sujeitos querem possuir a mesma coisa e não conseguem eles entram em contenda e inimizade. A relação humana passa a ser de desconfiança, de insegurança, pois não se sabe quem está com o vírus do COVID-19, promovendo uma instabilidade social, ou no pensamento Baumaniano, há uma insegurança social que leva ao medo do outro, do estranho, do qual não se sabe quem ele é, o que possui.

Neste sentido, há uma perda da dignidade do outro quando se ignora, pois para se autoconservar há um vale tudo, a partir do qual em uma metáfora, a única lei que existiria seria conservar o eu somente, esquecendo dos demais, caindo numa atitude egoísta. Deste modo, rejeita-se uma ética, caindo em uma globalização da indiferença, na qual o outro já não comove mais o eu, este já não se sente mais responsável por aquele.

Assim, buscou-se resgatar a dignidade humana a partir da perspectiva teológica, que resgata a percepção do humano como um fim em si mesmo. Nesse sentido, o humano quando salva um só humano, salva a humanidade toda e quando dignifica o outro, por

consequente dignifica a Deus e a si mesmo. Esse sentimento de empatia de que Deus se compromete com nossa existência reverbera a concepção de que o humano se esqueceu da humanidade e conseqüentemente da sua própria dignidade. Diante disso, a possibilidade de resgatar a dignidade é a solidariedade do humano, pois é ela que melhor expressa o respeito pela dignidade humana, diante da sociedade indiferente passando pela COVID-19.

Pode-se, portanto, o ser humano questionar-se a partir do exemplo do “Bom Samaritano” que “Viu, sentiu compaixão e cuidou” (Lc 10, 33-34), como vivencia-se a compaixão, o amor para com o outro, a empatia e a solidariedade? Se se esquece deste exemplo se esquece de ser cristão e com isso, não se dignifica mais o outro, e conseqüentemente não se dignifica mais a Deus e muito menos a si mesmo.

## Referências

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. 6ªed. Tradução de J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. – (Vozes de Bolso).
- BAUMAN, Z. *A Arte da Vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Em Busca da Política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BERGOGLIO, J. M.; FIGUEROA, M.; SKORKA, A. *A dignidade*. Tradução de Sandra Martha Dolinsky. 1ªed. São Paulo: Saraiva, 2013.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes in Compêndio do Vaticano II. Constituições, decretos e declarações*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.
- HAN, B.-C. *Sociedade do cansaço*. 2ªed. Tradução: Enio Paulo Giachini – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- HOBBS, T. *Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil*. Tradução: Joao Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. – São Paulo, S: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. – (Coleção Os Pensadores).
- JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Apostólica Salvifici Doloris*. O sentido cristão do sofrimento humano. 11ª ed. São Paulo: Paulinas, 2018.
- PAULO VI, Papa. “*Evangelii Nuntiandi*”. *Exortação apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. 22ª. ed. São Paulo: Paulinas, 2019.
- REALE, G.; ANTISERI, D. *História da filosofia: de Spinoza a Kant*, v.4. - São Paulo: Paulus. 2005.
- RICOEUR, P. *Ensaio sobre Interpretação Bíblica*. Tradução de José Carlos Bento. São Paulo, SP: Fonte editorial, 2008.

Recebido em: 01/05/2020  
Aprovado em: 10/05/2020